



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

Groundhog Day / 1993

(O Feitiço do Tempo)

um filme de **Harold Ramis**

Realização: Harold Ramis / **Argumento:** Harold Ramis e Danny Rubin / **Direção de Fotografia:** John Bailey / **Direção Artística:** David Nichols e Peter Landsdowne Smith / **Cenários:** Lisa Fischer / **Montagem:** Pembroke Herring / **Som:** George Anderson / **Música:** George Fenton / **Intérpretes:** Bill Murray (Phil), Andie MacDowell (Rita), Chris Elliott (Larry), Stephen Tobolowsky (Ned), Brian Doyle-Murray (Buster), Marita Geraghty (Nancy), Angela Paton (Ms. Lancaster), Rick Ducommun (Gus), etc.

Produção: Columbia Pictures / **Produtores:** Harold Ramis e Trevor Albert / **Cópia:** digital, falada em inglês e legendada em português / **Duração:** 101 minutos / **Estreia em Portugal:** 10 de setembro de 1993 / **Estreia Mundial:** Estados Unidos, 2 de fevereiro de 1993



Diziam os sábios na Roma Antiga que “o maior dos luxos é o tempo” e “quanto mais feliz, mais breve é o tempo”. Curiosamente, esta ideia aplica-se ao filme que hoje apresentamos, mais especificamente ao seu protagonista, Phil (Bill Murray), um apresentador de meteorologia enviado à pacata Punxsutawney, na Pennsylvania, para fazer a reportagem sobre o popular dia 2 de fevereiro, o Dia da Marmota. Há dias que parecem não ter fim e este dia de inverno irá ser bastante peculiar para Phil. Poderão estas monótonas 24 horas durar um ano? Dois anos? Ou até mesmo quarenta?

Volvidas algumas décadas após a sua estreia, **O Feitiço do Tempo** ganhou um espaço especial na memória dos anos noventa, tornando-se num filme-culto do cinema norte-americano, diferente de outros filmes que brincaram com a linha temporal como, por exemplo, **Regresso ao Futuro** (1985) de Robert Zemeckis. Pois se a intemporal arte do cinema é todo um universo de criatividade, é natural que, ao escrever um argumento, se tente evitar tudo o que possa ser repetição. Hoje temos uma exceção engenhosa, pois a história de Phil floresce precisamente com a repetição. Ele é forçado a encarar a mesma sequência de acontecimentos, vezes e vezes sem conta, neste eterno retorno construído pelo realizador Harold Ramis. Murray, num dos seus melhores papéis, trabalhou com Ramis durante toda a década de oitenta, com quem celebrenemente contracenou em **Ghostbusters** (1984), também ele no papel de um dos famosos caça-fantasmas. Anos depois, após uma interrupção na carreira de ator para estudar história e filosofia em Paris, Bill Murray surge em **O Feitiço do Tempo** num papel muito diferente das comédias anteriores, pois tem aqui a oportunidade de interpretar uma personagem em construção, em luta com as suas dúvidas interiores, perante o árduo esforço de lidar com tudo o que não está resolvido dentro deste meteorologista indisposto com a vida.

E este misterioso Dia da Marmota, que se irá tornar tão hilariante como profundo, é também uma história de redenção, que se inicia com o sarcasmo e cinismo de Phil: "este é um momento de televisão que não capta a verdadeira emoção de ter uma grande marmota a prever o estado do tempo", como reporta de início. Toda a repetição que se segue será também uma grande viagem interior, com a possibilidade de redenção no horizonte, evocativa até dos dias de inverno em **It's a Wonderful Life** (1946). Phil é forçado a viver a mesma prisão emocional todos os dias neste beco sem saída, enclausurado nas suas frustrações do tempo presente, aqui cimentadas com a amargura de um futuro de sucesso que nunca chegou. Perante a perplexidade desta constante reencarnação, sente que terá de mudar algo, embora não necessariamente para melhor. Passará da indiferença para o hedonismo, já que não vê quaisquer consequências nas suas ações. Afinal, para quê sofrer, quando se pode lançar numa autoestrada de prazer e aventura? Pois esta via rápida conduzirá apenas a outro beco sem saída, agora ainda mais frustrante. Perante o falhanço de todos os truques para seduzir Rita (Andie MacDowell), esta pobre existência não é menos cinzenta e mundana que as anteriores. No desespero, como numa montanha-russa emocional, Phil irá descer às profundezas do niilismo, onde nada importa. Surpreendentemente, este momento mais negro do filme é também um dos mais cómicos (com a inesquecível torradeira ao pequeno-almoço). Este é um carrossel sem saída e sem explicação, múltiplas encarnações do que ele pensa que é o amor, até o conseguir realmente alcançar.

O Feitiço do Tempo lembra-nos então da grande diferença entre crescer e simplesmente envelhecer. Os anos passam, pagamos contas, fazemos telefonemas, encontramos lugares para estacionar o carro e fazemos compras em supermercados. Tudo isto faz parte da vida, mas não é crescer. Crescer é um trabalho humilde, sério e, muitas vezes, difícil. É assumir a responsabilidade pelo espaço e pelo tempo que se ocupa. Tal como o nosso meteorologista em construção, descobrimos o preço de amar e perder, ousar fazer e falhar, pois até acordarmos e acertarmos as coisas, vamos revivê-las todos os dias. Por este motivo, o tempo não passou por este filme. Será sempre necessário lembrar, em todas as gerações, que os anos dourados existem aqui e agora. São precisos muitos anos para aprender piano ou ser fluente numa língua estrangeira, mas o dia da grandeza é sempre hoje, que estamos vivos, como uma Primavera que se repete diariamente ao acordar. O tempo de florescer é agora.

Miguel Amaro